

Águia e Gavião

Por L.F. Bomfá

— Podem relaxar, senhores. O Águia não existe, e mesmo se existisse, não teria como roubar a Amostra em tão pouco tempo.

Era uma tarde quente na ponte de comando da fragata USS Hawk, e o cheiro de água salgada já começava a nausear aqueles três oficiais. Haviam acabado de ultrapassar as ilhas Turcas e Caicos e estavam na imensidão do Oceano Atlântico — longe dos conflitos no Vietnã e na União Soviética — mas nem um pouco sossegados. A tenente Mallory não tirava a atenção do radar, protegendo os olhos dourado-caramelo da luz forte do monitor com seus óculos de aro grosso. Já o agente Ramirez estava inquieto, segurando uma máscara de mergulhador em suas mãos e coçando a cabeça, desarrumando seu cabelo cheio de brilhantina, enquanto o restante da tripulação continuava concentrada em seus postos.

E, em pé no meio deles, estava o agente da CIA Samuel S. Thompson, um homem alto e barbudo na casa dos trinta, o tipo sistemático que não se atrasaria nem para a própria execução.

— Você já ouviu as histórias, Sam? — Perguntou Mallory, ainda vidrada no monitor.

— Claro que já — Interrompeu o jovem Ramirez. — Sam, Michael e eu estávamos na costa do Marrocos quando ouvimos o pelotão de *murtaziq* conversar sobre um espião sem país, que atravessou a Cortina de Ferro com uma família de desertores alemães usando só uma pistola prateada.

— É ficção, garoto — Disse Sam, respirando fundo — *Ninguém* atravessa. É só uma história pra passar o tempo, como os seriados de guerra que você assiste na tevê.

— Eu não sei — Disse a oficial de comunicações. — Eu ouvi histórias também, Sammy. Como a do agente secreto que assassinou um general americano na base de *Bien Hoa*, no Vietnã. Dizem que ele usava uma pistola prateada do mesmo jeito.

— São só conversa, Mal. De todo jeito, quanto tempo falta pra chegarmos em Jacksonville?

— Quarenta minutos, Sam.

Pensar nos acontecimentos daquela manhã deixava Samuel com dor de cabeça. Primeiro, Michael — seu amigo e primeiro-oficial da embarcação — achou dois itens extremamente perturbadores na proa do navio: uma máscara de mergulhador e um arpão pintado de prata. Se fosse durante qualquer outra missão, eles deixariam a curiosidade de lado, mas a natureza *daquela* tarefa em particular deixou Michael em pânico.

Logo, eles trouxeram os itens pra ponte de comando e começaram a discutir o assunto com o resto da tripulação.

— Às vezes é só outra das pegadinhas de Mike. — Argumentou Ramirez, jogando a máscara no colo de Mallory — Você sabe como ele não tem limites pra essas coisas.

— Ele não faz por mal. Só quer promover a sintonia entre os membros do esquadrão.

— Nós não estamos mais na Guerra da Coreia, Sam. Não estamos lutando aqui.

— Ainda assim. União é importante — Disse Samuel, sorrindo. Ele colocou gentilmente a mão no ombro de Mallory, que retribuiu com um sorriso.

— Vai ficar tudo bem. Mike foi fazer uma ronda na sala de máquinas faz pouco mais de uma hora, e te garanto que ele não encontrou nenhuma Águia por lá.

O sorriso de Mallory desapareceu, dando lugar a uma expressão de espanto.

— Uma *hora* atrás? Por que ele ainda não voltou?

A pergunta espantou aos três.

— ... deve ter tirado um cochilo ou algo assim, não?

— Deve — Respondeu Sam, franzindo as sobrancelhas. De todo jeito, posso ir checar.

Não demorou muito para Samuel encontrá-lo.

Tudo o que bastou foi chamar seu nome na popa e na proa algumas vezes para saber *exatamente* o que havia acontecido.

Mesmo assim, nada reduziu o choque de ver o corpo de Michael amarrado em um cano no meio da sala de máquinas, seu crânio perfurado cheirando a pólvora.

— Mike... Droga, Mike... — Samuel sussurrou, sua cabeça latejando com o choque de adrenalina, enquanto fechava os olhos do amigo.

Aquele tipo de coisa era risco ocupacional, mas nunca deixava de doer.

Agora, Samuel sabia que havia um passageiro a mais naquele navio.

Ele fechou os olhos, tentando se concentrar, e conseguiu distinguir o som que estava procurando.

Passos, distantes, mas velozes, como o galope de uma presa assustada.

Lentamente, Sam pegou o revólver Colt de sua cintura e adentrou nos corredores escuros e fechados da sala de máquinas.

Fez uma, duas, três curvas e, quanto mais o tempo passava, mais ruidosa sua respiração ficava.

Só faltam o quê, vinte minutos até chegarmos na costa?, pensou. *Ele não tem como sair vivo desse barco.*

Não com a amostra do Toxoplasma.

Os olhos de Sam corriam pelo chão, procurando alguma pista do paradeiro do assassino, enquanto apertava com força o cabo da Colt. O lugar era um labirinto de paredes cinzas e placas de aço, rodeado por canos barulhentos e manivelas úmidas, e o cheiro de ferrugem era tão forte que preenchia seu olfato e seu paladar.

O gosto era familiar.

O mesmo gosto da água.

Sam parou por um instante. Não podia *se lembrar*, não agora, tão perto de concluir sua missão. *Só faltam vinte minutos, droga.*

Entretanto, ao passar por uma escotilha aberta, encontrou algo que o atingiu como um murro no estômago.

Jogada de forma violenta no chão estava uma maleta preta, aberta — uma maleta que deveria estar trancada no cofre da fragata — e um tubo de ensaio fechado, manchado de azul.

Aquele tubo.

Não havia muito que Samuel zarpara do Marrocos, junto a sua pequena tripulação. Fora uma missão simples, para duas pessoas — Samuel e Michael, enquanto os outros ficavam no porto — e tudo o que precisavam fazer era dirigir um caminhão-pipa e levar um carregamento de água para uma pequena vila, afetada pela seca de 1973 no norte da África. Ele ainda lembrava dos sorrisos daquele povo de olhos castanhos, de homens, mulheres e crianças, enquanto ele e Mike distribuía as garrafas azuis. Eles ficaram eufóricos — tanto que nem perceberam o gosto de ferrugem na água, ou a bateria de exames de laboratório que os dois agentes estavam fazendo nos aldeões.

Agentes, porque Samuel e Michael não trabalhavam pra ONU.

Trabalhavam pra CIA, e a CIA não faz serviço voluntário, nem caridade.

Após uma semana, metade do vilarejo estava tendo vômitos profusos e hemorragias espontâneas. Após duas, todo o vilarejo estava em estado vegetativo, completamente desprovidos de qualquer função neurológica. Naquela água estava o protótipo do *Toxoplasma sektor*, a primeira arma 100% biológica dos Estados Unidos.

Muito mais insidiosa que qualquer bomba atômica, a bactéria de rápido contágio poderia mudar os rumos da guerra fria — e, talvez, salvar alguns de seus irmãos-de-armas no Vietnã.

Poderia, Sam pensou, se a maleta que continha a última amostra não estivesse jogada no chão e completamente vazia.

Meu país precisava de mim. O que mais eu poderia fazer?

Ele suspirou fundo e se levantou, mas já era tarde demais — os segundos de distração haviam lhe custado caro.

Mal conseguiu reagir à coronhada na testa.

Ele cambaleou, dando alguns passos para trás, recobrou a postura e abriu os olhos.

Na sua frente estava a Tenente Mallory Oakes, oficial de comunicações do navio, sorrindo para ele, segurando um tubo de ensaio azul em uma mão e uma pistola prateada na outra.

Águia.

— Você é o Águia. — Disse Samuel, descrente.

— Sim. — Ela disse. Seus cabelos estavam soltos e, sem os óculos, Mallory parecia uma mulher completamente diferente da que ele conhecia, sua pele dourada refletindo a pouca luminosidade do lugar.

— Seu nome verdadeiro é Mallory, pelo menos?

A mulher riu, um riso inocente, quase sem escárnio. *Quase*.

— É Renata, ao seu dispor. Mallory é uma amiga.

— E você está aqui pra me matar, suponho.

— Bem, isso não. Mike não me deu escolha, mas você está dando. Uma luta justa, Sammy? — Ela disse, abaixando a pistola e colocando-a de volta no coldre.

O apelido no diminutivo doeu aos ouvidos de Sam, principalmente vindo de uma traidora como ela. Suas pupilas se dilataram e seu sangue ferveu, e ele tirou seu revólver do coldre.

O ato não durou muito. Em um movimento rápido, a mulher aplicou um golpe no punho de Sam, desarmando-o.

— Não me pareceu muito justo. Vamos começar de novo?

Ele deu dois passos pra trás e consentiu.

Samuel desferiu alguns ganchos de direita e esquerda, acertando a maioria no peito e queixo de Renata. Ela bateu de volta, mirando principalmente em seu rosto. Seus socos eram mais fracos que os dele, mas um bocado mais ágeis, fazendo com que sua taxa de acerto fosse consideravelmente maior. Era uma luta de boxe exemplar — mas Sam se viu obrigado a quebrar as regras.

Limpando o sangue do nariz, ele jogou seu peso contra a oponente, derrubando-a nas placas de aço. No chão, ela lhe aplicou um gancho de esquerda no queixo, desvencilhando-se e ganhando algum tempo para se levantar.

— Cansei de brincar, Sammy — Ela disse, ofegante — Você é um bom oponente.

Com suas botas de camurça, Renata deu um chute certeiro em uma das tubulações, quebrando-a e enchendo o corredor de vapor.

Não, não, não!, Sam pensou. Não podia deixar ela escapar.

Ele atravessou a espessa fumaça e correu atrás da Águia, pegando seu revólver do chão e dando um, dois, três tiros — mas o som de metal contra a parede denunciou seu erro.

Viu um vulto subindo as escadas, correndo para a proa do navio.

Era sua última chance de salvar a missão.

Samuel abaixou sua Colt e correu em direção à luz do sol, saindo dos corredores metálicos e esperando encontrar a costa de Jacksonville.

Quando seus olhos finalmente se acostumaram à claridade, entretanto, encontrou algo *mais*.

Seu barco estava rodeado por outros seis — lanchas, fragatas e corvetas, todas sinalizadas com as cores dos Estados Unidos da América, completamente preenchidas de marinheiros segurando fuzis de assalto. Eles estavam a centímetros do USS Hawk — e prontos para saltar na embarcação;

Fuzis de assalto apontados para *ele*.

— É a Guarda Costeira, Sam. É isso que você não entendeu. Eu não estou só roubando a Amostra — Disse a Águia, enquanto brincava com o tubo de ensaio nos dedos da mão.

— Eu estou roubando também o seu *barco*.

Samuel levantou a Colt para a cabeça de Renata, mas ouviu uma buzina aguda vindo das embarcações ao seu redor.

— Abaix a arma! — Disse um dos fuzileiros.

Com um olhar inocente, a Águia levantou os braços, mostrando-se desarmada, e se ajoelhou. Como que esperando um sinal, os fuzileiros embarcaram.

Samuel mal teve tempo de conjurar uma reação, antes de levar um golpe na nuca e ver o mundo escurecer.

Samuel acordou com o som de uma goteira.

Ele estava em um pequeno cubículo de metal, escuro e úmido, jogado no chão como uma carcaça velha de animal.

O agente se levantou, tentando encontrar alguma forma no meio do vazio. Esfregou os olhos algumas vezes e conseguiu. Em uma das paredes viu *barras*, grossas grades de ferro, e uma figura sombria do outro lado, fardada segurando um fuzil.

A figura se virou para ele e começou a falar.

— A Guarda Costeira recebeu uma dica anônima, Sammy. Sobre o assassinato de um agente da CIA a bordo do USS Hawk.

Desgraçada, pensou.

— Você estava com eles o tempo todo?

— Claro que não. Foi mais fácil me infiltrar entre eles do que fugir a nado. Trabalho para uma empresa privada, e vou levar sua Amostra pra um lugar seguro.

— Enquanto isso — Disse Samuel, ofegante. — Eles vão me julgar como um assassino!

— E você não é? — Ela disse, sorrindo, enquanto tirava a máscara de mergulhador de um bolso interno da farda.

Antes que Sam pudesse responder, a Águia se virou, desaparecendo em meio à escuridão, deixando Samuel com o peso de sua falha e sua culpa.